Escola das Américas

Coronel Glenn R. Weidner, Exército dos EUA

A CAMPANHA realizada para fechar a Escola das Américas do Exército dos EUA fundamenta-se, na minha opinião, na distorção sistemática dos fatos, com o objetivo de alcançar os fins almejados pelos grupos oposicionistas. Segundo a minha experiência adquirida naquela escola, durante os anos de 1986-87, mais as leituras que fiz a respeito, convenceram-me que, apesar das alegações ao contrário, aquela Instituição tem promovido valores consistentes com os de seus mais veementes críticos. Espero poder conscientizar o leitor da grande contribuição feita, no passado, por essa Escola sobre os positivos aspectos da política dos EUA para os países latino-americanos, e seu enorme potencial para continuar fazendo o bem no futuro.

Antecedentes

Os países da América Latina e do Caribe — que abrigam aproximadamente 400 milhões de pessoas — têm passado por dramáticas mudanças nos últimos dez anos. Sociedades caracterizadas por enormes disparidades, tanto em riqueza nacional como na sua distribuição, pobreza e estratificação social, têm rejeitado um passado repleto de governos autoritários e modelos econômicos controlados pelo estado em favor de um governo democraticamente eleito e reformas de livre mercado. Entre todas as nações do hemisfério somente Cuba ainda permanece com um regime ditatorial, onde a autoridade se apóia na força militar coerciva e na estrutura de imposição da segurança do Ministro do Interior. Em qualquer outro lugar, sistemas políticos pluralistas estão renascendo. A estagnação econômica das décadas de 70 e 80 está dando lugar a taxas de crescimento positivas e a uma diversidade econômica. As forças armadas da região, que no passado tiveram um papel político desproporcional em muitas sociedades, têm visto sua estrutura ser cortada, seus orçamentos serem estraçalhados e sua influência na sociedade severamente reduzida. A sociedade civil está procurando novos meios de participação e expressão política. Infelizmente, essas tendências não foram de forma alguma consolidadas, e os gigantescos desafios apresentados pela globalização econômica ameaçam enfraquecer o progresso social. Mesmo assim, se sustentadas, essas tendências são muito positivas para a região, bem como para os interesses dos EUA.

Em termos amplos, as metas da atual política externa dos EUA dão prioridade à promoção de um governo voltado para a consolidação da democracia e o progresso econômico, por meio da reforma do livre mercado. Esse governo requer compromisso com a lei e respeito pelos direitos humanos. Em termos diplomáticos e militares, nossa estratégia é baseada num engajamento cooperativo com os governos democráticos da região. O

engajamento poderá ser feito de forma diplomática, comercialmente, pelo auxílio econômico e humanitário e por meio de contatos entre as sociedades civis e a cooperação militar, todos visando fomentar instituições eficazes.

Nossos programas militares são uma pequena parte desse todo. A legislação provê treinamento militar para estrangeiros sob condições de aprovação de país para país, pagos pelo país interessado ou pelo fornecimento de bolsas de estudo. O Programa Internacional de Educação e Adestramento Militar (*International Military Education and Training – IMET*) é o mecanismo pelo qual o Congresso estipula os tipos e quantidade de instrução a serem oferecidos por ano. Geralmente o *IMET* inclui uma pequena mas importante porcentagem do auxílio total destinado à região.

A missão da Escola é desenvolver e conduzir programas de instrução relevantes, doutrinariamente lógicos e com custo-benefício favorável para as Forças Armadas da América Latina. Promover o profissionalismo militar, os valores democráticos e o respeito pelos direitos humanos; fomentar a cooperação entre forças militares multinacionais; e expandir o conhecimento das FA latino-americanas sobre os costumes e tradições dos EUA. Assim fazendo, a escola contribui materialmente para a promoção da democracia, fomenta uma responsabilidade institucional em relação à autoridade civil, e estabelece uma transparência e cooperação entre os militares do hemisfério.

Estabelecida no Panamá em 1946, a Escola das Américas do Exército dos EUA tinha como objetivo aumentar, a cada ano, o seu número de alunos latino-americanos. Foi transferida, em 1984, para o Forte Benning, na Geórgia, à medida que as bases militares estabelecidas na antiga Zona do Canal de Panamá eram transferidas para outros locais daquele país, de acordo com o processo de implementação do Tratado do Canal de Panamá. Portanto, a Escola das Américas é apenas parte de uma grande estrutura de assistência externa. Outras agências como a Agência para o Desenvolvimento Internacional dos EUA (*United States Agency for International Development — USAID*), Ministério da Justiça (*Justice*) e a Agência Central de Inteligência (*Central Intelligence Agency — CIA*), administram programas de auxílio independentemente do Exército e do Departamento de Defesa.

Sob a Lei Pública dos EUA, a missão da Escola é desenvolver e conduzir programas de instrução relevantes, doutrinariamente lógicos e com custo-benefício favorável para as Forças Armadas da América Latina. Promover o profissionalismo militar, os valores democráticos e o respeito pelos direitos humanos; fomentar a cooperação entre forças militares multinacionais; e expandir o conhecimento das FA latino-americanas sobre os costumes e tradições dos EUA. Assim fazendo, a escola contribui materialmente para a promoção da democracia, fomenta uma responsabilidade institucional em relação à autoridade civil, e estabelece uma transparência e cooperação entre os militares do hemisfério.

Alojada desde 1984 no Forte Benning, Geórgia, a Escola possui um quadro composto por 80 a 90 instrutores militares, bem como 30 a 40 instrutores convidados da América Latina e do Caribe. Nas funções administrativas e de apoio à educação, a Escola emprega menos de 100 elementos civis. Aproximadamente 1000 alunos estrangeiros e mais ou menos 20 norte-americanos participam dos trinta e quatro cursos oferecidos todos os anos. No Forte Rucker, Alabama, são ministrados anualmente, no Batalhão de Helicópteros Espanhol, mais uns vinte e um cursos técnicos.

Contribuições Singulares da Escola das Américas dos EUA

A atual Estratégia de Segurança Nacional enfatiza o engajamento com os governos e as forças armadas estrangeiras, a fim de preparar o ambiente internacional para favorecer os interesses de segurança norte-americanos. A estrutura singular da Escola procura alcançar resultados positivos no ensino, por meio das seguintes ações:

- **Promover os valores norte-americanos com respeito à democracia, o papel adequado das FA na sociedade, e compromisso com os padrões nacionais dos direitos humanos.** Os planos de aula da Escola refletem a doutrina do Exército e a Lei dos EUA. No nosso Exército a função de criar a doutrina é reservada ao Comando de Adestramento e Doutrina e seus centros funcionais especializados. Os cursos oferecidos na Escola das Américas são baseados nos requerimentos feitos pelas Embaixadas norte-americanas e pelo Comando Sul do Exército dos EUA, adaptando os materiais empregados nas nossas próprias escolas das Forças Armadas. Nosso objetivo é transmitir, por intermédio do conteúdo do curso e também pelo exemplo, os mesmos valores e padrões profissionais ensinados aos nossos próprios soldados.

Nossos cursos incluem sempre aulas sobre a legislação das Convenções de Genebra e Haia e o papel adequado dos militares na sociedade — por exemplo, su-

Fotos: Escola das Américas

Estabelecida no Panamá em 1946, a Escola das Américas do Exército dos EUA tinha como objetivo aumentar, a cada ano, o seu número de alunos latino-americanos. Foi transferida, em 1984, para o Forte Benning, na Geórgia, à medida que as bases militares estabelecidas na antiga Zona do Canal de Panamá eram transferidas para outros locais daquele país, de acordo com o processo de implementação do Tratado do Canal de Panamá. Portanto, a Escola das Américas é apenas parte de uma grande estrutura de assistência externa.

bordinado ao controle civil. Desde o início da década de 90, a Escola das Américas tem exigido que cada curso, seja qual for, inclua um bloco especial de instrução sobre direitos humanos. Para cursos de pouca duração, apresenta-se um mínimo de oito horas. No caso de cursos mais extensos, como o Curso de Comando e Estado-Maior do Exército, com um ano de duração, pode-se gastar até cinco dias em teoria e estudo de casos, salientando nossa própria e inconsciente falha de liderança em My Lai, durante a Guerra do Vietnã. Todos os instrutores, tanto latinos como americanos, recebem pelo menos 16 horas de adestramento sobre direitos humanos. A instrução abarca conseqüências operacionais, legais e éticas resultantes do não cumprimento de padrões essenciais de respeito aos direitos individuais. Além dos blocos de instrução formais catalogados sobre direitos humanos, os alunos se defrontam com o desafio de tomar decisões éticas durante instrução tática de rotina. Como parte das fases de execução e planejamento de qualquer operação militar, eles devem abordar temas sobre a imunidade dos não combatentes, o tratamento com os prisioneiros de guerra e a detenção de civis, as áreas de coordenação de fogos, o respeito por determinados monumentos religiosos e históricos, as regras de engajamento e outros requisitos encontrados na reconhecida lei internacional em relação ao uso legítimo da força. Nenhuma outra escola militar norte-americana proporciona um programa de instrução tão intensivo sobre direitos humanos em seu currículo.

- **Proporcionar reforço desses valores através da interação com a sociedade norte-americana.** A mudança da Escola para o Forte Benning multiplicou, muitas

A presença da Escola no Forte Benning, uma instalação militar aberta, contribui para uma transparência e monitoramento por aqueles que desconfiam dos seus propósitos e efeitos. Finalmente, a idéia que estaríamos melhor fechando a Escola e enviando os alunos para outras instituições simplesmente não é verdade — primeiro, porque o número de alunos excederia as vagas existentes nas outras escolas, e segundo porque o adestramento sobre direitos humanos e apoio à democracia não são proeminentes em seus currículos.

vezes, a eficácia do nosso programa. Os alunos observam, em primeira mão, a maneira como as comunidades no Forte Benning e em Columbus, na Geórgia, interagem. Nosso programa de padrinhos patrocina um elo entre os alunos e as famílias civis para que haja um relacionamento social que transcende o tempo de permanência no curso. Esses programas ilustram a importância do respeito mútuo e da cooperação entre os setores civis e militares da sociedade — uma condição que nem sempre caracterizou o relacionamento cívico-militar em muitos países latino-americanos. A interação direta dos alunos latino-americanos com os oficiais norte-americanos participantes do curso, e em cursos similares na Escola de Infantaria do Exército, aumentam a transmissão dos valores profissionais e o entendimento comum.

- **Promover padrões de eficácia e relacionamento de trabalho no nível militar nos países da América Latina e do Caribe que compartem interesses de segurança.** Muitos dos cursos da Escola são encontrados no sistema de formação profissional dos soldados do Exército dos EUA. Os planos de aula são adaptações daqueles encontrados nos cursos das FA norte-americanas, porém traduzidos para o espanhol. Compartir essa doutrina comum aumenta o nível de performance dos latino-americanos proporcionando uma estrutura única de referência de ações combinadas — um objetivo político comum para enfrentar os atuais desafios como a manutenção da paz, o apoio contra o narcotráfico, ações civis e humanitárias e socorro em caso de calamidade. Como participante da bem-sucedida Missão de Observadores Militares na fronteira Equador — Peru, após o conflito de janeiro de 1995, posso afirmar, com convicção, que minha experiência como aluno e instrutor da Escola das Américas foi de extrema importância para o aperfeiçoamento da minha forma de comunicação com os oficiais das cinco outras nações afetadas. Fizemos um estudo de situação, planejamos um conceito da operação, e conduzimos uma operação de desengajamento e desmobilização das forças oponentes em muito pouco tempo, graças a identidade profissional e o espírito de cooperação que nossa política de engajamento vem engendrando faz tempo. Esta história bem-sucedida criou condições para a assinatura do tratado histórico em 26 de outubro de 1998, em Brasília, dando um fim à longa disputa.

- **Promover a cooperação entre os militares dos países latino-americanos competindo com interesses rivais ou histórias passadas do conflito.** Embora os conflitos na América Latina, na sua maioria, tenham sido evitados ou atenuados, algumas fronteiras ainda enfrentam tensões que continuam a atormentar a região. Como ilustram os trabalhos de Wolf Grabendorff e David Mares, os países latino-americanos, ao contrário da sabedoria convencional, têm freqüentemente lançado mão das forças militares ou colocando-as no gerenciamento dos seus interesses territoriais. A interação entre os oficiais de diversos países, durante os cursos na Escola das Américas, ajuda a promover o entendimento de interesses compartilhados e competitivos. Promove também um relacionamento face a face que pode ser explorado para neutralizar crises quando os graduados chegam a posições preeminentes nos seus respectivos exércitos. Esses fatos têm sido citados repetidamente por ex-comandantes militares e diplomatas dos Estados Unidos. É um importante complemento ao sistema de apoio às medidas de auto-confiança disponível no Sistema Interamericano.

- **Prover adestramento, acesso e experiência sem precedentes, para os especialistas norte-americanos a**

respeito da América Latina. Alunos norte-americanos — normalmente a caminho para designações de estado-maior relacionados a temas hemisféricos — estão inscritos em vários desses cursos. Por exemplo, no Curso de Comando e Estado-Maior, capitães e majores do Exército, da Força Aérea, Guarda Nacional do Exército e os Oficiais da Reserva do Exército obtêm proficiência em língua espanhola, alcançam seus objetivos educacionais militares de oficiais superiores e estabelecem um sem-número de contatos que irão facilitar sua interação, no futuro, com militares de outros países. Seja durante o trabalho conjunto em um exercício de planejamento tático na sala de aula, ou discutindo pontos de vistas num intervalo de aulas, o diálogo amplia o conhecimento e a experiência de cada oficial.

A interação entre os oficiais de diversos países, durante os cursos na Escola das Américas, ajuda a promover o entendimento de interesses compartilhados e competitivos. Promove também um relacionamento face a face que pode ser explorado para neutralizar crises quando os graduados chegam a posições preeminentes nos seus respectivos exércitos. Esses fatos têm sido citados repetidamente por ex-comandantes militares e diplomatas dos Estados Unidos. É um importante complemento ao sistema de apoio às medidas de auto-confiança disponível no Sistema Interamericano.

- **Custo-eficiência.** Com um orçamento total de apenas $4.4 milhões ($3.2 – Escritório de Gerenciamento de Avaliações – *Office of Management Assessment – OMA*, $1.2 – Programa Internacional de Educação e Adestramento Militar –*International Military Education and Training – IMET/INL*) para o ano 2000, a Escola das Américas faz o máximo com o mínimo. Com os alunos concentrados nas excelentes instalações do Forte Benning, é possível proporcionar uma educação a um maior e mais variado número de alunos em seu próprio idioma. O sistema de escolas das Forças Armadas dos EUA teria que sofrer uma grande modificação para oferecer o mesmo tipo de instrução. O alto nível de proficiência em inglês exigido por estas escolas predisporia o programa para outros setores das FA da América Latina, hoje mais expostos a influências externas e, portanto, com maior conhecimento dos padrões norte-americanos. O fato de poder ministrar as aulas em espanhol nos permite transmitir a mensagem aos setores dos exércitos latino-americanos localizados mais no interior da região. Outro meio alternativo de fomentar um engajamento eficaz – continuar uma significativa presença avançada das forças norte-americanas na região – é politicamente improdutivo, tanto no território nacional como no além-mar, que custaria centenas de milhões de dólares cada ano.

A presença da Escola no Forte Benning, uma instalação militar aberta, contribui para uma transparência e monitoramento por aqueles que desconfiam dos seus propósitos e efeitos. Finalmente, a idéia que estaríamos melhor fechando a Escola e enviando os alunos para outras instituições simplesmente não é verdade — primeiro, porque o número de alunos excederia as vagas existentes nas outras escolas, e segundo porque o adestramento sobre direitos humanos e apoio à democracia não são proeminentes em seus currículos.

Alegações Essenciais.

Os críticos alegam que a Escola das Américas tem treinado e continua a treinar militares latino-americanos para violarem os direitos humanos e intervirem no governo

por meio de golpes de estado. Eles sustentam suas acusações ao encontrarem entre os chefes de estados de antigos governos militares, um pequeno número de ex-alunos da Escola das Américas, acusados de violar os direitos humanos durante os conflitos regionais no período da Guerra Fria. Esses críticos alegam uma certa conexão entre a Escola das Américas e esses atos, e não apenas um elo por associação. Para ser verídico, esse argumento teria de ser substanciado no seguinte:

- Teriam de ser encontrados nos currículos da Escola das Américas matérias que enfatizassem violações sistemáticas das leis internacionais como são descritas nas Declarações da ONU, na Organização dos Estados Americanos (OEA), e na Legislação estipulada nas Convenções de Genebra e Haia. Isso é totalmente falso. Definitivamente, as matérias ensinadas no curso são reproduções de outras escolas do Departamento de Defesa, e são consistentes com as normas legais, profissionais e éticas. Um fato excepcional muito explorado pelos críticos é o conhecido caso da "evidência de culpa" pois seu argumento é uma aberração — as 26 impróprias passagens distribuídas em sete manuais de instruções e que nem mesmo são oriundas da Escola das Américas.

Em reposta aos reconhecidos erros ocorridos no passado, foi implementado um processo mais completo de filtração para ambos, alunos e professores da Escola. Agora os candidatos são primeiramente selecionados pelas autoridades legais, incluindo os representantes do governo na área de direitos humanos nos seus países de origem, e por várias seções interessadas das embaixadas norte-americanas, antes de seus nomes serem enviados para a Escola das Américas para aprovação. Pela primeira vez, um selecionado grupo de alunos civis foi incluído em vários dos cursos superiores para freqüentarem as aulas sobre governos latino-americanos, em preparação para assumirem papéis mais importantes em assuntos de defesa.

Durante a revisão dos manuais de campanha pelo governo dos EUA em 1991, vinte e seis páginas — o equivalente a uma ou duas páginas entre mais de 1100, se juntarmos todos os sete manuais envolvidos — continham uma linguagem imprópria, recebida de outras agências em 1960 e não da Escola das Américas. Ficou-se sabendo que quatro dos manuais haviam sido introduzidos na escola em 1989, como leituras suplementares para um total de 48 alunos no ano letivo de 1990-91. Como resultado de uma revisão interna, os manuais foram revogados, sendo conduzidas seis investigações independentes em resposta ao Departamento de Defesa e ao Congresso, e foram implementados métodos para evitar que esse fato venha ocorrer novamente. Nota-se que a Escola deixou de ser um grande foco de atenção; além da maior ênfase na supervisão da cadeia de comando do Exército, uma comissão de visitantes formada por distinguidos diplomatas, militares da reserva, civis acadêmicos, e especialistas em direito, têm visto o trabalho da Escola, duas vezes por ano, desde julho de 1996. Cada uma dessas investigações e relatórios chegaram a conclusão de que a Escola funcionava de acordo com as leis e as políticas dos EUA, e recomendaram corrigir pequenos lapsos — nenhum dos quais envolve nada remotamente associado às acusações feitas pelos críticos dessa Instituição — e melhorar a sua eficácia. A maioria dessas recomendações foram adotadas.

Em reposta aos reconhecidos erros ocorridos no passado, foi implementado um processo mais completo de filtração para ambos, alunos e professores da Escola. Agora os candidatos são primeiramente selecionados pelas autoridades legais, incluindo os representantes do governo na área de direitos humanos nos seus países de origem, e por várias seções interessadas das embaixadas norte-americanas, antes de seus nomes serem enviados para a Escola das Américas para aprovação. Pela primeira vez, um selecionado grupo de alunos civis foi incluído em vários dos cursos superiores para freqüentarem as aulas sobre governos latino-americanos, em preparação para assumirem papéis mais importantes em assuntos de defesa.

A Escola das Américas tem reforçado também o currículo existente iniciando novos cursos para melhor implementar as prioridades do Congresso em relação aos direitos humanos, às relações cívico-militares e à administração da defesa:

- Operações Cívico-militares
- Operações de Paz
- Operações Contra-drogas
- Gerenciamento dos Meios de Defesa
- Observador de Fronteiras
- Sustentamento Democrático
- Remoção de Minas por Motivos Humanitários
- Ensino de Direitos Humanos

Na verdade a Escola das Américas dos EUA não ensina meios de tortura ou violação da lei, ela ensina exatamente o oposto**.**

- Formandos "famosos". A abrangente lista de 63.000 graduados pela Escola das Américas em comparação com a pequena lista de violadores é um argumento contundente do lado positivo dessa instituí-

ção. Os críticos ligam o que bem poderia ter sido um plano secreto (já que não se encontra em nenhuma documentação) a um grande plano negativo (por exemplo: ditaduras, torturas e assassinatos em massa na região); e, mesmo assim, eles ignorariam o elo mais aparente entre a mensagem positiva explícita na instrução ética e profissional da Escola (a qual está documentada) e o fato incontestável de que os militares da região têm cooperado para a transição à democracia quando, segundo o argumento do crítico, ambos tinham a capacidade e a motivação de fazer exatamente o oposto. A conseqüência inevitável da democratização e a contínua ascendência do regime civil na região têm sido uma redução radical dos orçamentos e estruturas organizacionais, bem como uma notável redução na influência das forças armadas e em suas respectivas sociedades.

Melhoramentos Futuros

Um grande número de iniciativas estão sendo planejadas para melhorar ainda mais a contribuição da Escola das Américas para a democracia e a estabilidade no hemisfério. Entre elas:

- Maior participação civil. A Escola procura ativamente aumentar o número de alunos civis para os cursos superiores a fim de aumentar a sua compreensão dos temas de defesa, e expor alunos militares a competentes colegas civis durante a formação profissional. O programa de Palestrantes Convidados, que pode ser incrementado, convida distinguidos professores e pessoas do governo para falarem sobre temas de grande interesse, contanto que exista financiamento e o desejo da sociedade civil de estender a mão e auxiliar, de forma positiva, os militares da América Latina. Nosso programa de Informação Pública, que recebe visitantes na Escola, mesmo dentre nossos críticos mais acirrados, pode ser ampliado para tornar-se mais interativo, permitindo um intercâmbio de opiniões entre alunos e observadores. Seminários especiais podem também aproveitar as excelentes instalações para analisar temas de interesse para ambas as comunidades, civis e militares. A Escola das Américas solicitou ao Departamento de Estado que disponibilizasse um oficial de área estrangeira como instrutor em tempo integral.
- Academia para Sargentos. Devido a tradicional estratificação social da América Latina, o grande desafio para os militares desses países é o desenvolvimento de um corpo de sargentos profissionais. A Escola das Américas fundou uma academia e um curso para sargentos tendo como base nossos próprios cursos para formação profissional de capitães e majores.

Conclusão

O período da Guerra Fria é findo, como também é findo o nosso conflito ideológico com o comunismo. Agora a tendência é convergir os interesses das Américas e empregar estratégias cooperativas como meios de progresso. A atual ameaça à estabilidade do hemisfério origina-se das drogas, casos isolados de insurreição e terrorismo, corrupção, falta de desenvolvimento econômico, injustiça inerente ao tratamento preferencial, reincidência oligárquica e militar, crime comum, e devastação ambiental. As forças militares das Américas devem dar lugar a primazia do civismo quando abordando essas ameaças, contudo ainda têm importantes contribuições a fazer para apoiar as ações de governos democráticos na região.

As forças armadas não irão desaparecer apesar da eliminação pós-Guerra Fria do apoio militar direto das Forças Armadas do Exército dos EUA. A viabilidade de instalar os governos democraticamente eleitos depende da abordagem desses desafios de segurança dentro da estrutura cívico-militar fundamentada em instituições profissionais respeitadas. A democracia será ameaçada, e não melhorada, por uma política de marginalização desses órgãos ao invés de sua profissionalização como instituições legítimas dentro de uma sociedade democrática. O programa *IMET*, e em particular a Escola das Américas, são ferramentas valiosas para influenciar os militares da região a darem suas costas ao passado e funcionarem de forma apropriada, segundo as necessidades do século XXI.***MR***

O Coronel Glenn R. Weidner atualmente é o comandante da Escola das Américas do Exército dos EUA. É formado pela Academia Militar de West Point em Nova York. Possuiu o Curso de Comando e Estado-Maior, da Escola das Américas; e o Curso de Defesa Superior da Escola Interamericana de Defesa no Forte McNAir, Washington, DC. É mestre em Estudos de Áreas Estrangeiras pela Universidade de Middlebury. É oficial da arma de Artilharia de Campanha, pára-quedista e Ranger (Comandos). Foi Bolsista do Exército no Centro Weatherhead para Assuntos Internacionais da Universidade de Harvard. Serviu em várias posições de comando e estado-maior, dentre elas a de oficial da 3ª Seção do Comando Sul dos EUA em Quarry Heights, no Panamá. Foi Comandante do 2º Batalhão, 80º Regimento de Artilharia de Campanha, uma unidade de adestramento individual básico e avançado localizado no Forte Sill, Oklahoma. Representou o Exército dos EUA no Grupo Militar do Chile. Foi Comandante do Grupo Militar em Tegucigalpa, Honduras e, em 1995, Comandante do Contingente dos EUA na Missão de Observadores Militares na fronteira entre Equador-Peru – MOMEP.